ELEIÇÃO NOS EUA

"Onda azul" desenha pesadelo para Trump

Oposição democrata festeja conquista de cidadelas republicanas (governistas) e fecha as contas de uma vitória nas urnas que ameaça fazer do presidente um "pato manco" nos últimos dois anos de mandato na Casa Branca

BRENDAN SMIALOWSKI / AFP



Democratas festejam vitória para o Senado e o governo na Geórgia: avanço em estados republicanos abre caminho para maioria no Congresso

> **Trata-se, simplesmente, do custo de vida, do preço da gasolina, esse tipo de coisa"**
>
> ***Donta Comer,*** *eleitor da Geórgia*

A comemoração no comitê de campanha do Partido Democrata na Carolina do Norte, com a vitória de Roy Cooper na disputa por uma cadeira estratégica no Senado, deu o tom de uma noite em que a oposição aguardava com ansiedade, mas com confiança crescente, a confirmação do que as pesquisas de opinião indicavam até a véspera da votação. A reprovação de dois terços dos norte-americanos ao presidente Donald Trump conduziria os democratas à reconquista da maioria em ambas as casas do Congresso. Ainda à espera do início das apurações em parte expressiva do país, às 23h30 de ontem (em Brasília), o cenário parecia confirmar a formação de uma "onda azul" (a cor do partido) nas urnas, como se viu também na Geórgia, outro estado sulista com longa tradição republicana, onde a oposição elegeu a primeira governadora negra na história do estado.

Enquanto mais de 100 milhões de eleitores iam às urnas nos 50 estados, para renovar o Congresso e eleger 32 governadores, Trump tratava de contornar as pesquisas e projeções que apontavam para dificuldades e limitações nos últimos dois anos do segundo mandato — o último, segundo reza a Constituição. O resultado final, a ser conhecido possivelmente hoje, determinará se o presidente encenará, até janeiro de 2029, o personagem que o jargão político do país chama de "pato manco": um presidente sem poderes para governar efetivamente. E, como desdobramento, com ainda maior dificuldade para fazer o sucessor.

O Partido Democrata, atualmente com 47 senadores, aposta na confirmação das pesquisas que indicavam a possibilidade de superar as 51 cadeiras que asseguram a maioria. Além de Cooper, na Carolina do Norte, candidatos da oposição eram cotados para tomar vagas dos republicanos em estados tradicionalmente conservadores, como Texas, Ohio e Kansas.

Na Câmara dos Deputados, o panorama das primeiras horas de contagem dos votos indicava desfecho semelhante. Na largada para a votação, bastava aos democratas um ganho líquido de quatro cadeiras para chegar às 218 que garantem o controle da casa. No fechamento desta edição, eles haviam tomado duas vagas republicanas e lideravam a disputa em mais de 60 distritos hoje representados pelos republicanos (governistas), que apareciam em vantagem em apenas seis distritos até aqui em poder da oposição.

BRENDAN SMIALOWSKI / AFP



Trump em campanha no estado de Kansas:

"Grandeza"

"Temos de manter a grandeza dos EUA", disse, no início da tarde, em entrevista à emissora de TV Fox News, conhecida pela simpatia ao presidente. "Éramos motivo de piada no mundo inteiro", afirmou. "Os líderes de outros países nem sequer nos levavam a sério. Achavam que éramos tolos, mas agora estamos por cima. Somos o país mais em voga do mundo: todo mundo nos respeita. Vamos manter isso e melhorar ainda mais", prometeu.

À espera dos primeiros resultados, o presidente assinou uma proclamação que declara uma "semana do anticomunismo" entre 1º e 7 de novembro. "Convoco todos os norte-americanos a se manterem firmes contra qualquer ameaça ao nosso modo de vida e a protegerem a chama da liberdade contra a escuridão do comunismo", diz o texto.

Quando conquistou o segundo mandato (não consecutivo), há dois anos, Trump colocou no centro da campanha eleitoral vitoriosa sua política de linha-dura contra a imigração ilegal, antes de tudo a partir do México. "Quando assumi o cargo, a fronteira estava aberta. Tínhamos milhões e milhões de pessoas entrando em massa, muitos deles criminosos e assassinos", apontou.

O presidente chegou a abordar um dos temas que mais pesaram sobre os eleitores, a julgar pelas pesquisas de opinião conduzidas ao longo do ano: a inflação e a alta do custo de vida, puxados pela disparada no preço dos combustíveis. Embora se trate de impacto direto da guerra iniciada por ele próprio contra o Irã, no último dia de fevereiro, o presidente insistiu em que os EUA teriam "controle total" sobre o Estreito de Ormuz, via estratégica para o comércio global de petróleo. "A inflação está resolvida", anunciou. "Está tudo indo bem."

Insatisfeitos

Os resultados preliminares da pesquisa feita pela rede CNN com os eleitores à saída da urna referendou a insatisfação dos norte-americanos com os rumos do país nos últimos dois anos: eles são 75% dos entrevistados, e 40% se disseram "com raiva". A situação econômica e a apreciação negativa sobre o presidente são os dois ingredientes principais da má vontade — captada inclusive em estados tradicionalmente fiéis ao Partido Republicano (governista). Entre 10 ouvidos, sete disseram que o Congresso "faz pouco" para conter os excessos do presidente.

Com a taxa de aprovação nas pesquisas em baixa histórica para um presidente, na casa de apenas um terço dos entrevistados, Trump paga nas urnas o preço de um governo que, nos dois primeiros anos, foi incapaz de honrar a promessa de fazer o país "voltar a ser grande". "Trata-se, simplesmente, do custo de vida, do preço da gasolina, esse tipo de coisa", afirmou à agência de notícias France-Presse (AFP) Donta Comer, 38 anos, morador da Geórgia.

ORIENTE MÉDIO

Washington cancela ajuda militar anual a israelenses

» RODRIGO CRAVEIRO

Mergulhado em um impasse sobre a formação do próximo governo, Israel não mais receberá os US$ 4 bilhões (cerca de R$ 21,8 bilhões) anuais em ajuda militar dos Estados Unidos. No dia em que enfrentava uma eleição de meio de mandato crucial para a própria governabilidade, o presidente Donald Trump anunciava um acordo com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, para que Washington interrompa a contribuição ao seu principal aliado no Oriente Médio.

"Vamos ajudar Israel, se eles precisarem — você sabe, eles têm sido um grande aliado", declarou Trump à emissora Fox News, ao revelar que a ideia do corte de ajuda partiu do próprio Netanyahu. Segundo o republicano, o governo israelense "não vê problema nisso, porque, você sabe, eles se tornaram um país muito bem-sucedido" e "não precisam" do dinheiro.

A utilização de armamentos dos EUA e de Israel na Faixa de Gaza e na Cisjordânia tem despertado críticas de congressistas do Partido Democrata. "A esquerda usa o pagamento de US$ 4 bilhões — do qual todos têm conhecimento, pois não é segredo nenhum — como um sinal de injustiça, e não podemos permitir que isso aconteça."

Líder opositor israelense, Gadi Eisenkot sugeriu que o anúncio de Trump mostra que Netanyahu "deve ser substituído". Nem o bloco de Eisenkot nem o de Netanyahu obteve maioria na Knesset (Parlamento), durante as eleições de 27 de outubro passado. Os dois políticos dependem de negociações com partidos, inclusive os árabes, para assegurar o controle parlamentar e nomear um gabinete.

Eisenkot acusou Netanyahu de realizar um "pogrom contra a democracia". Foi uma reação ao fato de a procuradora-geral ter colocado em xeque a imparcialidade da investigação de inteligência ante denúncias de fraude eleitoral mirando os partidos árabes.

Impacto

Diretor de Políticas do Israel Policy Forum (Fórum de Políticas de Israel), Michael Koplow disse ao **Correio** que não está claro se os EUA pretendem, de fato, encerrar a assistência de segurança a Israel ou se Trump expressou-se mal e se referia ao memorando de entendimento de 10 anos. O documento vai expirar em 2028. "Independentemente de quando isso ocorra, haverá um impacto no orçamento de defesa de Israel, visto que essa assistência representa aproximadamente 15% dos gastos anuais do país com defesa. Vale ressaltar que os gastos de Israel com defesa aumentaram desde (o massacre de) 7 de outubro e a tendência é que permaneçam em um patamar elevado", explicou.

Koplow reforçou que a solidez da aliança israelo-americana independe da ajuda militar. "Mesmo que ela chegue ao fim, Israel continuará adquirindo sistemas de armas dos EUA, e ambos os países manterão uma cooperação ampla em questões militares e de inteligência", previu. "Trump passou a encarar essa ajuda como um ônus político."

Por sua vez, Dov S. Zakheim, consultor senior no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS, em Washington) e ex-oficial do Pentágono, afirmou ao **Correio** que a decisão dos EUA pode forçar Netanyahu a escolher entre financiar os ultraortodoxos e a defesa. "A maioria dos israelenses é contrária aos subsídios recentes destinados aos ultraortodoxos", observou.

Atta Kenare/AFP



"Vamos matar Trump"
No mesmo dia em que os EUA lançaram ataques limitados contra a ilha iraniana de Qeshm, no Estreito de Ormuz, o Irã revelou um enorme outdoor na movimentada Praça Enghelab, no centro de Teerã, no qual promete "matar" o presidente norte-americano, Donald Trump. Outra imagem mostra o titular da Casa Branca com seu vice-presidente, JD Vance; o enviado especial Steve Witkoff; e o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, com os rostos ensanguentados e os ternos rasgados. Dezenas de pessoas carregavam bandeiras vermelhas, faixas e cartazes nos quais se lia: "Haverá sangue", enquanto pediam vingança pela morte do líder supremo Ali Khamenei, assassinado nos ataques dos Estados Unidos e de Israel em 28 de fevereiro, o que desencadeou a guerra no Oriente Médio.